
RELAÇÕES DIALÓGICAS EM DISCURSOS SOBRE A CONEXÃO COM A *INTERNET*

Luan Alves Monteiro Carlos¹
Mestre em Letras pelo PPGL/UERN

RESUMO: Objetivamos, com este trabalho, analisar as relações dialógicas em discursos que versam sobre a conexão com a *internet*. Esse artigo sustenta-se nos estudos do Círculo de Bakhtin. Nesse sentido, analisamos duas materialidades, que são: i) uma propaganda da Vivo; ii) uma matéria publicada no *site* Ciclo Vivo. Desse modo, os enunciados analisados apresentam duas posições a respeito da conexão com a *internet*, enquanto a propaganda sinaliza para a necessidade do sujeito contemporâneo de estar sempre conectado à *internet*, a matéria indica que um uso desregrado de *internet* pode acarretar diferentes consequências para a vida do sujeito usuário, portanto, são enunciados que dialogam, que se opõem.

Palavras-chave: Conexão. Dialogismo. Internet.

Introdução

A sociedade contemporânea vive uma época em que a conexão com o universo *online* atinge cada vez mais os diferentes sujeitos, a necessidade de estar conectado é uma realidade para boa parte da sociedade (crianças, adultos e idosos estão interagindo no espaço virtual), os sujeitos conectam-se à *internet* para os mais variados fins, sendo este espaço eficaz para realizar desde atividades profissionais até atividades que podem ser consideradas de lazer, como conversar ou jogar. Wertheim (2001, p. 170) ressalta que: “[...] o ciberespaço é usado fundamentalmente não para coleta de informação, mas para interação social e comunicação – e também, cada vez mais, para entretenimento interativo, o que inclui a criação de uma profusão de mundos de fantasia on-line [...]”, conforme a autora frisa, o ambiente digital oferece diversas possibilidades de interação aos sujeitos, o que faz esse espaço ser cada vez mais atrativo.

Partindo dessa discussão, objetivamos, com este artigo, analisar as relações dialógicas em discursos que versam sobre a conexão com a *internet*, buscando investigar o posicionamento discursivo assumido nos discursos analisados, bem como averiguar como as materialidades selecionadas dialogam entre si. Desse modo, nos fundamentou sobre a noção de dialogismo os estudos de Bakhtin (2008, 2016),

¹ Endereço eletrônico: luan_alvesmonteiro@hotmail.com

Volochinov (2013), também nos ancoramos nas reflexões de estudiosos dos conceitos do Círculo de Bakhtin, como Brait (2012), Fiorin (2006, 2010, 2012) e Guimarães (2009).

Nosso *corpus* é formado por duas materialidades que discursivizam a conexão com a *internet*, a saber: i) uma propaganda da Vivo que circulou em diversos canais de televisão e encontra-se disponível no youtube²; ii) uma matéria veiculada pelo *site* Ciclo Vivo intitulada *Infância digital – o perigo da desconexão com a vida*³. Esse artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção seguinte, discutimos brevemente sobre alguns conceitos como discurso, enunciado, dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade amparados nos estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, seguidamente, analisamos as materialidades selecionadas, por fim, retomamos a discussão para fazer algumas considerações mais gerais a respeito do que foi analisado.

Breve reflexão sobre a Análise Dialógica do Discurso

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2008) sinaliza para um estudo que vai além das pesquisas desenvolvidas pela linguística, ou seja, enquanto a linguística visa compreender a estrutura da linguagem, olhando somente para questões internas do sistema linguístico, Bakhtin (2008) propõe um estudo que se preocupe também com questões exteriores à língua (quem, onde e em que momento algo foi dito). Assim, o autor procura perceber a língua em funcionamento, em uso, sendo esse modo de análise proposto pelo filósofo a metalinguística, também denominado por translinguística, como é possível constatar em Fiorin (2010), em que ele aponta que Bakhtin propõe essa disciplina metalinguística/translinguística para dar conta de explicar o funcionamento da linguagem, percebendo as relações dialógicas dos enunciados.

Volochinov (2013) enfatiza que toda linguagem se realiza sempre para o outro, assim, além do falante é necessário que a expressão linguística seja direcionada para alguém. Segundo Volochinov (2013, p. 158), “[...] seria uma tarefa desesperada tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=glY94sjS9F8>. Acesso em: 07. Jun. 2018.

³ Disponível em: <http://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/equilibrio/infancia-digital-o-perigo-da-desconexao-com-a-vida/>. Acesso em: 07.jun.2018.

presente nenhum de seus vínculos com a efetiva situação social que as provoca.” Nesse sentido, para que se possa compreender uma enunciação, tem-se que levar em conta toda situação social que possibilitou que emergisse determinada enunciação “[...] a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações” (VOLOCHINOV, 2013, p. 158).

Fiorin (2012) também ressalta sobre a exterioridade da linguagem quando fala sobre o texto, “Paul Ricoeur dizia que o sentido do texto é criado num jogo interno de dependências estruturais e nas relações com o que está fora dele” (FIORIN, 2012, p. 146). Assim, o sentido do texto é formado tanto por elementos internos, que estão contidos na estrutura linguística, quanto por elementos externos, que podem ser inferidos no momento da leitura de determinado texto. Temos que enfatizar que o texto em uma situação real de uso, em funcionamento, aparece como a manifestação do enunciado, sendo o enunciado quem possui sentido, isso por ele ser a unidade real de comunicação (BAKHTIN, 2016), elementos linguísticos quando aparecem sem estarem inseridos em uma situação real de uso possuem significado, aparecendo somente enquanto palavra, oração, texto, mas sentido só terá enquanto enunciado.

Amparada nas discussões do Círculo de Bakhtin, Brait (2012, p.12) frisa que o texto é “qualquer conjunto coerente de signos, passível de ser entendido, portanto, como verbal, visual e/ou verbo-visual”, percebemos que a autora faz uma discussão mais profunda sobre o texto, apontando que um conjunto de signos que possibilitem uma compreensão formam um texto, sejam esses signos verbais (fala oral e escrita), sejam verbo-visuais (imagens, pinturas, fotografias e vídeos). Sobre as diferenças entre texto e discurso, Fiorin (2012) salienta que:

[...] há diferenças entre texto e discurso. Este é da ordem da imanência e aquele, do domínio da manifestação [...] A manifestação é a presentificação da forma numa dada substância, o que significa que o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. Em outras palavras, este é da ordem do sensível, enquanto aquele é do domínio do inteligível. O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele (FIORIN, 2012, p. 148).

O texto é a forma material que o discurso assume para emergir em determinado local, seja uma expressão falada, escrita, uma imagem ou um vídeo, todos esses exemplos são textos que proporcionam que o discurso se realize; já o discurso está no

campo do conteúdo e se concretiza por meio do texto. Fiorin (2012, p. 151) frisa ainda que: “Do ponto de vista translinguístico, o discurso ganha sentido e identidade na relação com outros discursos, que ele cita, parodia, estiliza, com que concorda, de que discorda, a que se opõe, etc. Essa relação interdiscursiva é o dialogismo.” Assim, o que é dito está envolto em um emaranhado de outros ditos que os antecedem e os sucedem, sendo que é nesta relação dialógica que o sentido é constituído.

Ao falar sobre o discurso, Bakhtin (2016, pp. 28-29) indica uma certa distinção deste com o enunciado, ao mesmo tempo que os aproximam:

[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substantiva e principal, precisam ser examinados minuciosamente.

Podemos perceber que os enunciados que partem dos sujeitos formam o discurso, a existência do discurso só acontece a partir dos enunciados que circulam na sociedade, ou seja, o discurso é formado por um conjunto de enunciados, assim, apesar de serem fenômenos diferentes, o conceito de discurso e de enunciado são bem próximos, pois são elementos que necessitam um do outro para existir.

O enunciado é a unidade real de comunicação, sendo este irrepetível, aparece sempre como um acontecimento único (FIORIN, 2010). Segundo Bakhtin (2016), o enunciado possui limites precisos, um princípio e um fim, que são marcados pela alternância dos falantes, dos sujeitos do discurso. O enunciado é rodeado por outros que o margeiam, que cria uma moldura no enunciado, é isso o que Bakhtin (2016) chama de limite. Antes que determinado enunciado venha a acontecer, existem os enunciados dos outros, já o que vem depois são enunciados responsivos, assim, o enunciado é uma unidade real, delimitada pela alternância dos falantes do discurso e é essa alternância dos sujeitos que cria limites precisos no enunciado.

De acordo com Bakhtin (2016), a alternância que marca o limite do enunciado é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado, já a segunda peculiaridade é a

conclusibilidade, que acontece quando um falante diz tudo o que queria dizer e, conseqüentemente, o seu interlocutor percebe o fim do enunciado, percebe a conclusão do falante, sendo o mais importante critério de conclusibilidade do enunciado a possibilidade de responder a ele, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva.

Essa atitude responsiva acontece quando o ouvinte compreende o que foi dito e concorda ou discorda com o discurso, toda compreensão da fala, do enunciado, é de natureza responsiva, o próprio falante espera uma compreensão ativamente responsiva, seja uma concordância, uma participação ou uma objeção (BAKHTIN, 2016). Observemos o que Fiorin (2010, p. 40) frisa:

[...] Mikhail Bakhtin evidencia que todo discurso é dialógico. Quando o filósofo russo fala em dialogismo não está pensando no diálogo face a face, mas numa propriedade central dos enunciados: todo discurso é constituído a partir de outro discurso, é uma resposta, uma tomada de posição em relação a outro discurso.

Todo discurso mantém uma relação de sentido com outros, que o precede e o sucede, isso acontece, pois o que é dito não é inédito, o enunciadador forma seu discurso a partir de outros discursos que já existem, além disso, possibilita que outros discursos de natureza responsiva venham a existir, concordando ou se opondo ao que foi dito. Sendo assim, o discurso é resposta a outros anteriores a ele, mas também desperta a emergência de enunciados responsivos.

É nessa relação dialógica com outros enunciados que o sentido é constituído, ou seja, o interlocutor só compreende o enunciado quando percebe a relação deste com outros. Segundo Fiorin (2010, p. 41), “Todo enunciado de um discurso constitui-se em relação polêmica com o outro, o que quer dizer que rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu outro no espaço discursivo”, nesse sentido, o dialogismo é essa relação que um enunciado mantém com outros, nem sempre é uma relação amistosa, mas é também polêmica, pois pode concordar, discordar ou se opor ao discurso do outro. Fiorin (2012, p. 151) indica que: “A relação dialógica entre discursos será chamada relação interdiscursiva e, na medida em que é constitutiva do discurso, é uma relação necessária. Não há discurso fora das relações interdiscursivas.” Desse modo, o interdiscurso é toda relação dialógica, essa relação de sentido que um discurso mantém

com outros é uma característica da linguagem em uso, do discurso, assim, o discurso só pode existir em uma situação interdiscursiva.

Sobre a intertextualidade e a interdiscursividade, Guimarães (2009, p. 134) sinaliza que: “Tanto um fenômeno quanto o outro dizem respeito à presença de duas vozes num mesmo segmento textual ou discursivo. Mas apresentam também diferenças.” A autora supracitada esclarece essa distinção ressaltando que a intertextualidade é a presença de um texto em outro, já a interdiscursividade é a interação entre os discursos, o que possibilita resgatar uma memória discursiva. De acordo com Fiorin (2006):

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas o contrário não é verdadeiro (FIORIN, 2006, p.181).

Nesse sentido, a interdiscursividade é toda e qualquer relação dialógica, entre textos ou entre enunciados, mas a intertextualidade acontece somente quando é possível perceber a presença de um texto em outro. Destarte, devemos perceber o enunciado como uma resposta a outros que o precede, sendo o dialogismo um emaranhado de vozes as quais se cruzam, por exemplo, vozes que concordam entre si, defendem o mesmo posicionamento, mas também que divergem, defendem posicionamentos contrários, ou seja, ideias que se apoiam, se completam, mas também que se opõem, é nessa resposta que acontece a relação dialógica.

Relações dialógicas em discursos sobre a conexão com a *internet*

Sob a lente dos estudos sobre o dialogismo desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, analisamos duas materialidades que discursivizam sobre a conexão com a *internet*, objetivando investigar como os enunciados estudados nesse artigo interagem, mantendo uma relação de sentido entre si. Desse modo, analisamos cada enunciado

isoladamente, para depois perceber a relação dialógica entre ambas materialidades. A primeira materialidade selecionada é um vídeo de uma propaganda da operadora Vivo exibido por diversos canais de televisão.

Observemos alguns aspectos dessa propaganda que influenciam o sujeito a passar um tempo maior conectado com a *internet*, no enunciado audiovisual, podemos ver uma conversa por meio de uma chamada de vídeo pelo celular entre a cantora Ivete Sangalo e Teddy, que são os protagonistas da propaganda, ao finalizar um assunto, Teddy se despede de Ivete, informando que tem que sair, pois precisa recarregar os créditos do celular, a cantora se mostra surpresa e pergunta: “logo você que resolve tudo no celular, que é conhecido na *internet*, virou pré-histórico, foi?”, de imediato, Teddy, que está em uma sala moderna, onde é possível ver aparelhos eletrônicos, e uma mobília contemporânea, sai desse lugar e aparece em uma caverna, rodeado por elementos rústicos e com uma vestimenta que nos remete a uma época pré-histórica.

Após esse retorno a um momento anterior às diversas descobertas e inventos da humanidade, entre eles, a *internet*, que é o assunto em pauta na propaganda, Ivete aconselha que Teddy use o aplicativo Meu Vivo e explica: “é o aplicativo que eu compartilho *internet* com você”, além disso, ela enfatiza: “com ele você faz recarga onde e quando você quiser, em que mundo você vive meu amor?”, após todas essas informações sobre as vantagens que a operadora oferece para se ficar conectado em qualquer lugar e o tempo que quiser, Teddy afirma: “Teddy aprendeu coisa nova”, de imediato, ele aparece no momento atual, manuseando um aparelho celular, baixando o aplicativo da Vivo, essa cena é acompanhada pela voz de Ivete que anuncia: “Meu Vivo é fácil é digital e se você não tem, baixe agora”, seguidamente, ao encerrar a propaganda, aparece o logotipo da Vivo.

Esse enunciado audiovisual busca levar o interlocutor a ficar cada vez mais tempo conectado, considerando que o interesse da operadora é vender seus serviços, a voz que enuncia traz a ideia de uma constante conexão atrelada à ideia de felicidade, além disso, indica que ser um sujeito hiperconectado é essencial para se viver no mundo atual, sinalizando que existem muitas facilidades oferecidas pela Vivo para que não se fique nem um momento desconectado.

Este é um enunciado que discursiviza a constante conexão como algo bom, isso é percebido quando o locutor diz que tudo pode ser resolvido pelo celular, a posição assumida pela voz que enuncia é a de que a hiperconexão é necessária, já que diferentes

questões do dia a dia podem ser resolvidas e mediadas pela tela de um aparelho celular, assim, é necessário uma conexão cada vez maior. Indica ainda, que na sociedade contemporânea, o sujeito tem que acompanhar as inovações tecnológicas para não continuar vivendo como no passado. Abaixo temos dois momentos da propaganda em que é possível perceber um resgate do passado:



Fonte: YOUTUBE, 2018, sem paginação.

Ao perceber que o Teddy que, apesar de já viver imerso no universo digital, como é possível ver na imagem 1, não está utilizando as facilidades que a operadora oferece para que não se passe nem um momento desconectado, a Ivete associa esse desconhecimento da evolução tecnológica (que possibilita recarregar a *internet* onde e quando quiser) com a pré-história, como pode ser visto na imagem 2. Essa é uma relação dialógica, pois esse discurso da hiperconexão da sociedade moderna mantém uma relação de sentido com a época primitiva, ou seja, ao despertar essa memória (GUIMARÃES, 2009), percebemos que existe uma relação interdiscursiva entre o discurso dessa contemporaneidade conectada e o discurso da época primitiva, esses discursos da imagem 1 e 2 dialogam, se opõem (FIORIN, 2012).

A segunda materialidade escolhida para análise é uma matéria publicada no *site* Ciclo Vivo intitulada *Infância digital – o perigo da desconexão com a vida*, já no título, é discursivizado a infância, utilizando aparelhos digitais como uma situação de risco, indicando que uma grande conexão com o mundo digital pode levar a uma desconexão com a vida, ou seja, esse é um enunciado que sinaliza para a desconexão com o digital, incentivando um uso regrado dos aparelhos digitais, para que, conseqüentemente, se tenha uma conexão maior com a vida, com os espaços reais e pessoas que estão à sua volta. Observemos abaixo o que a matéria diz:

Não há como voltar atrás nos avanços tecnológicos e na sua inserção em todas as esferas da vida moderna. Sua influência torna-se cada dia mais forte e sua utilização essencial para a sociedade. Existem aspectos altamente positivos na análise dos novos tempos e outros ainda sombrios que levam a muitos questionamentos e evidências de efeitos nocivos.

Hoje com menos de 3 anos de idade, as crianças já sabem usar smartphones, brincam com tablets, jogam games, entretanto, poucas são capazes de amarrar os cadarços do tênis, pular corda, amarelinha, subir em árvores, etc (MACHADO, 2017, sem paginação).

O sujeito enunciativo frisa que a sociedade contemporânea está imersa nas tecnologias digitais, além disso, reconhece que é essencial para a vida social conviver com os aparelhos digitais, mas sinaliza também que, apesar de ser necessário, existe um lado problemático que a conexão com a *internet* pode acarretar, podemos constatar isso quando o enunciado evidencia: “[...] as crianças já sabem usar smartphones, brincam com tablets, jogam games, entretanto, poucas são capazes de amarrar os cadarços do tênis, pular corda, amarelinha, subir em árvores, etc.” Percebemos que a voz que enuncia indica que essa hiperconexão começa desde cedo, ainda na infância, e que esse contato exagerado com o universo digital faz com que a criança não se interesse pelas atividades que são realizadas fora do espaço *online*, desse modo, desenvolvem diversas habilidades no meio digital, sabendo usar os mais variados aparelhos, mas no que se refere às questões que devem ser feitas *offline*, as crianças muitas vezes são incapazes de realizar alguma atividade. O enunciado ressalta ainda que:

De acordo com o Dr. Cristiano Nabuco de Abreu, psicólogo e coordenador do Grupo de Dependência Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, a situação é preocupante. Em sua experiência clínica tem atendido casos de crianças viciadas em smartphones, videogames e tablets, incapazes de se relacionar sem ser virtualmente, de manter a concentração e até mesmo dar sequência a um raciocínio lógico, crianças com pouco mais de 2 anos de idade que não comem, nem vão para a cama se não tiverem o aparelho ao lado (MACHADO, 2017, sem paginação).

A voz que enuncia traz à baila a fala do médico, um sujeito especializado, que por meio de sua experiência, aponta alguns agravantes que a conexão desregrada com o ambiente *online* pode acarretar para a vida dos usuários, assim, é evidenciado que a

relação que determinadas crianças mantêm com os eletrônicos é um vício, percebemos que a conexão exagerada é discursivizada como algo ruim, como uma doença. Além disso, o sujeito enunciador sublinha que o sujeito viciado em eletrônicos são: “incapazes de se relacionar sem ser virtualmente”, observamos que determinados sujeitos vão substituindo o contato face a face por contatos frágeis que são mantidos virtualmente. O posicionamento assumido nesse enunciado é o de que a constante conexão é prejudicial, causa efeitos negativos no sujeitos que utiliza de forma exagerada a tecnologia. No enunciado verbo-visual, a seguir podemos identificar uma desconexão com o espaço e as pessoas próximas e uma total atenção para os aparelhos eletrônicos:

Imagem 3: Ilustração da matéria veiculada pelo *site* Ciclo Vivo



Fonte: MACHADO, 2017, sem paginação.

Nesse enunciado verbo-visual, é possível ver três adolescentes em uma praça com alguns *skates* espalhados sem ser utilizados, a atenção dos jovens está totalmente voltada para o aparelho celular, um deles, além do celular, está com um fone de ouvido, aparentemente, é um momento de descontração, de diversão, é possível perceber uma fisionomia de contentamento em um dos sujeitos, enquanto os demais se mostram concentrados no que veem na tela do aparelho. Apesar dos sujeitos estarem juntos, eles não interagem entre si, ficando cada um voltado apenas para seu celular, possivelmente, interagindo com pessoas que estão distantes.

A forma de diversão discursivizada no enunciado verbo-visual desperta uma memória (GUIMARÃES, 2009), pois, ao mostrar os *skates* parados, o enunciado aponta

para uma época em que as brincadeiras fora do universo *online* eram bastante executadas. Nesse enunciado, percebemos posicionamentos diferentes, um que indica que, com a inserção das tecnologias digitais, uma parcela considerável da sociedade prioriza a diversão por meio de aparelhos como (tablets, smartphones e videogames), e outro que se opõe a esse, que é o discurso que retoma uma época em que outros tipos de diversão eram priorizadas com brinquedos, como o *skate*, que possibilita que aconteça a interação entre os sujeitos que estão perto.

As materialidades analisadas neste trabalho assumem posicionamentos diferentes com relação à conexão, na propaganda da Vivo, a constante conexão é discursivizada como algo bom, o uso exagerado da *internet* é evidenciado como necessário para se viver na contemporaneidade, isso por supostamente proporcionar momentos de felicidade e uma maior facilidade para vida do sujeito. Já a matéria veiculada no *site* Ciclo Vivo discursiviza que a conexão com a *internet* deve ser feita de uma maneira moderada, pois, apesar de ser necessário para a vida contemporânea interagir no ambiente *online*, um uso desregrado pode levar a consequências negativas para a vida do sujeito, esse enunciado sinaliza para uma utilização regrada das mídias digitais, para que não haja uma desconexão com pessoas e ambientes próximos.

Destarte, são enunciados que mantêm uma relação de sentido entre si, que se opõem, pois a forma como a conexão exagerada é evidenciada por ambas materialidades divergem, enquanto a propaganda da Vivo aponta pontos positivos relacionados a essa prática, a matéria intitulada *Infância digital – o perigo da desconexão com a vida* assinala que o uso desregrado das ferramentas digitais pode causar problemas para o sujeito hiperconectado. Desse modo, os enunciados que analisamos discordam, mantendo entre si uma relação dialógica.

Considerações finais

Neste artigo, partimos do interesse de analisar as relações dialógicas em discursos que versam sobre a conexão com a *internet*, buscando compreender, por meio das materialidades estudadas, como a relação dos sujeitos com a *internet* é discursivizado. Percebemos que o sujeito hiperconectado aparece na propaganda da Vivo como alguém que está acompanhando a evolução e convivendo com as facilidades

que a vida contemporânea oferece, este posicionamento assumido pela voz que enuncia indica que o sujeito deve estar a todo momento convivendo no universo *online*, sendo que este ambiente digital é apresentado como um lugar que proporciona uma vida com mais facilidade para o sujeito, daí o interesse de não ficar desconectado. Temos que enfatizar também que se trata de uma propaganda de um operadora cuja sua finalidade é vender *internet*, desse modo, o posicionamento assumido pela mesma condiz com o interesse comercial da Vivo.

Já no enunciado intitulado *Infância digital – o perigo da desconexão com a vida*, a conexão é apontada como algo que deve ser usado de maneira regrada, sendo que uma conexão exagerada pode levar a problemas para o sujeito usuário, assim, esse enunciado parte de uma perspectiva que visa a melhoria da saúde do sujeito, bem como influencia que aconteça uma interação maior com os espaços *offline*. Já o enunciado anterior visa que a *internet* seja cada vez mais utilizada, assim, incentiva que os sujeitos passem tempos cada vez maiores no ambiente virtual. Desse modo, esses enunciados mantêm uma relação dialógica, isso por se opor um ao outro, trazendo à baila sentidos que divergem, que defendem posicionamentos distintos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (orgs). **Texto ou discurso?** – São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (orgs). **Texto ou discurso?** – São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

DIALOGICAL RELATIONSHIPS IN SPEECHES ABOUT CONNECTING TO THE INTERNET

ABSTRACT: We aim, with this work, to analyze the dialogical relations in speeches that talk about the connection with the internet. This article is based on the studies of the Circle of Bakhtin. In this sense, we analyze two materialities, which are: i) an advertisement from Vivo; ii) a story published on the Ciclo Vivo site. Thus, the statements analyzed present two positions regarding the connection to the internet, while the advertisement signals the need of the contemporary subject to be always connected to the internet, the matter indicates that a unregistered use of the Internet can have different consequences for life of the user subject, therefore, are statements that dialogue, that oppose.

Keywords: Connection. Dialogism. Internet.

Envio: fevereiro/2019
Aceito para publicação: agosto/2019